

III W O R K S H O P – NOVEMBRO DE 2025

ABORDAGENS CRÍTICAS AO DESENVOLVIMENTO: QUAIS SABERES PARA UMA JUSTIÇA ECOLÓGICA?

O Brasil sediará neste ano de 2025 a COP 30, ou 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC). Este evento internacional acontecerá na cidade de Belém, no Pará, justamente para dar protagonismo à região amazônica, lar da maior floresta tropical do mundo, por sua vez, um dos ecossistemas mais cruciais para o equilíbrio climático global. A COP 30 é reflexo de um esforço de articulação internacional para que atores de diversas áreas - governos, organizações da sociedade civil, academia e setor privado - debatam e negociem propostas de ação frente à crise ecológica cada vez mais alarmante. Frente a isso, propomos aproveitar esse cenário de trocas e intenso fluxo, bem como de enormes desafios, para contribuir com uma discussão aprofundada sobre abordagens críticas ao desenvolvimento. Afinal, é certo que o cenário crítico em que nos encontramos possui estreita relação com os modelos de desenvolvimento que têm prevalecido.

Este ano, a rede Abordagens Críticas ao Desenvolvimento (ACD-Rede) convida para seu 3º workshop internacional, a ter lugar na cidade do Rio de Janeiro, com apoio do BRICS Policy Center, think tank afiliado ao Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-Rio. Como parte do workshop, serão recebidos trabalhos em formatos variados, para o que se seguem uma chamada e nota conceitual do evento.

CHAMADA DE TRABALHOS

26 a 30 de novembro de 2025¹

*Local: Centro Loyola de Fé e Cultura (PUC-Rio),
Estrada da Gávea, 1 – Gávea, Rio de Janeiro, RJ*

A rede Abordagens Críticas ao Desenvolvimento (ACD-rede) do BRICS Policy Center, think tank afiliado ao Instituto de Relações Internacionais (IRI), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), convida a submissão de trabalhos para o III Workshop *Abordagens Críticas ao Desenvolvimento*, a ser realizado na cidade do Rio de Janeiro/RJ, Brasil, de 26 a 30 de novembro de 2025.

O primeiro workshop da série foi realizado em 2018 e deu início à formação de uma rede de acadêmicas, ativistas e profissionais que engajam criticamente com o tema geral de desenvolvimento, que entendemos amplo e transdisciplinar. Mais informações podem ser encontradas em <https://www.acd-rede.com/> (em construção). Desde então, a rede esteve ativa em projetos de pesquisa, colaborações em publicações e na elaboração de programas de disciplinas, sempre explorando as interfaces entre academia e ativismo, política internacional e políticas públicas, Estudos de Desenvolvimento e Relações Internacionais.

Para este terceiro encontro da ACD-Rede, **serão recebidas submissões de**

- 1) jovens acadêmicas/os do Sul Global;

¹ O workshop na Gávea será seguido de uma vivência em ecovila durante o fim de semana de 29 e 30 de novembro.

2) profissionais do Sul Global com experiência comprovada no campo de desenvolvimento.

IMPORTANTE notar que serão aceitos trabalhos em **diferentes formatos** que não *somente* estritamente bibliográficos. Isto porque o intuito é que as sessões em que sejam debatidos ofereçam inspiração para intervenções variadas nos temas e agendas em questão e, nesse sentido, a rede é guiada pela proposta de uma descolonização de saberes.

Nesse recorte, serão selecionadas submissões – bibliográficas ou não – que

- a. demonstrem engajamento direto com o tema do workshop;
 - b. partam de experiências vividas, saberes corporificados, engajamentos comunitários em suas variadas formas;
 - c. mobilizem conceitos e propostas que levem à possibilidade de conduzir ações concretas;
 - d. sejam guiadas pelos princípios que orientam a rede, de combate às desigualdades estruturais;
 - e. ofereçam a possibilidade de articulação em rede e em médio-longo prazo;
 - f. ofereçam a possibilidade de diálogo com outras intervenções e com estudantes presentes.
-
- *Não serão aceitos artigos já publicados.*
 - *Buscaremos ao máximo priorizar a representatividade regional, de raça e de gênero, considerando limites existentes no orçamento para ajuda de custo (ver abaixo).*

Notamos que a rede optou por colocar como eixo central e direcionamento inegociável a centralidade de questões relacionadas a subjetividades marginalizadas, especialmente em termos de raça e gênero, não como temas, mas como lentes, isto é, como proposta ética e política. Isso não quer dizer que esse aspecto precise estar já desenvolvido nos trabalhos, mas que deve haver uma preocupação e uma abertura para esse olhar e uma disposição de engajar em pensar como construir e fortalecer esse direcionamento como parte crucial do trabalho da rede e nossa contribuição para pensar desenvolvimento a partir das experiências do Sul.

Prazo para submissão:

Os resumos ou equivalentes deverão ser submetidos por meio do formulário em <https://forms.gle/xqDxBYdx4UNyML2q7> até as **17h** (Brasília) do dia **03 de outubro de 2025**. Nele deverão ser anexados também um breve CV (em Inglês, Português ou Espanhol) e carta de intenções (máx. 500 palavras), explicando a importância da participação no workshop. Em caso de dúvidas, entrar em contato com acdesenvolvimento.iri@gmail.com.

Seleção:

A seleção será confirmada até **10 de outubro de 2025**, através do endereço de email fornecido.

Entrega do trabalho:

Os trabalhos completos devem ser enviados até **07 de novembro de 2025** para circulação.

Formato do workshop:

O workshop será composto por

- três mesas redondas, uma a cada manhã, com nomes convidados entre acadêmicas/os e ativistas nacionais e internacionais, realizando uma análise de conjuntura.
- Três sessões, uma a cada início de tarde, onde serão apresentados os três

trabalhos selecionados na chamada por grupo. Os grupos serão conduzidos por pares de acadêmicas/os e ativistas. As pessoas inscritas escolherão com qual grupo engajar ao longo dos dias.

- Três sessões de mentoria conjugadas às de debates para articulação visando à atuação na agenda em questão e produção acadêmica.

Por favor, confira nas páginas a seguir a nota conceitual sobre o evento e a agenda.

Linguagem:

Conforme disponibilidade de convidada/os e seleção de trabalhos, as seções serão realizadas em **português, espanhol e inglês**, com tradução simultânea.

Financiamento:

Haverá financiamento parcial para aquelas/es selecionadas na chamada de trabalho, mas infelizmente, devido ao limite de recursos disponíveis, antecipamos que a seleção precisará levar este item em consideração. A ajuda de custo cobrirá passagem e acomodação para aquelas pessoas residentes fora da cidade do Rio de Janeiro, conforme convites e informes específicos.

Almoço e pequenos lanches serão servidos durante o evento e as refeições estão incluídas durante o período de visita à Ecovila, nos dias 29 e 30 de novembro.

III WORKSHOP

ABORDAGENS CRÍTICAS AO DESENVOLVIMENTO: QUAIS SABERES PARA UM JUSTIÇA ECOLÓGICA?

26 a 28 de novembro de 2025

*Local: Centro Loyola de Fé e Cultura (PUC-Rio),
Estrada da Gávea, 1 – Gávea, Rio de Janeiro, RJ*

Já se passaram algumas décadas desde que a teoria da dependência ofereceu ao Sul Global a oportunidade de ter uma posição alternativa marcante no debate sobre o desenvolvimento. Embora tenha certamente transformado as premissas em debate e estabelecido uma sólida base teórica para a crítica, muitos de seus elementos centrais exigem atualmente uma abordagem mais ampla da economia política, incorporando as mudanças que ocorreram no campo político desde então. Tanto os debates acerca da teoria da dependência quanto aqueles mais recentes de crítica ao desenvolvimento emergiram como meio de construir alternativas de desenvolvimento no Sul, reconhecendo a importância dos laços de solidariedade no Sul Global e entre os movimentos do Terceiro Mundismo.

O movimento decolonial na América Latina, por exemplo, argumenta há muitos anos que o que precisamos não é de um desenvolvimento alternativo, mas de uma alternativa *ao* desenvolvimento. Nesse sentido, a teoria da dependência, por permanecer numa abordagem centrada no Estado, faz com que parte significativa das suas interpretações termine por ler as desigualdades globais de maneira verticalizada e com pouco espaço para agência política contestatória. As influências pós-coloniais sobre este modo de pensar mais recentes trouxeram o pós-desenvolvimento para a frente, como originador e multiplicador de importantes críticas no campo. O que chama a atenção, no entanto, é que o pós-desenvolvimento pode ter custado ao desenvolvimento alternativo um lugar no debate sem causar qualquer deslocamento às teorias de desenvolvimento tradicionais. Nesse cenário, parece que alguns elementos-chave do Terceiro Mundismo, assim como Escobar apontou há muitos anos, estão em extrema necessidade de rearticulação². Diante de uma onda conservadora quase global, que ameaça há algum tempo superar os direitos sociais básicos e a proteção ambiental, esse apelo é ainda tão relevante hoje quanto antes.

De que maneira o desenvolvimento alternativo, o pós-desenvolvimento e outras abordagens críticas para além do campo restrito dos chamados Estudos de Desenvolvimento têm respondido a essa chamada? Crucialmente, que contra-narrativas, contra-arquivos e diferentes pontos de partida (e chegada) as experiências do Sul têm oferecido? Como podemos repercutir essas experiências e colocá-las no centro de discussões cruciais sobre relações estruturais de poder no campo do desenvolvimento?

As vozes críticas buscam destacar que o desenvolvimento tradicional tem sido cada vez mais caracterizado por abordagens orientadas a *resultados*, que, por sua vez, se materializam na forma de *projetos*, respondendo a uma forma linear e causal de raciocínio. Isto é preenchido por jargões "científicos", uma estrutura lógica universalizante e objetivos perigosamente vagos, como

² Escobar, A. (2004) "Beyond the Third World: imperial globality, global coloniality and anti-globalisation social movements", *Third World Quarterly*, Vol. 25 No 1, 207-230.

"mudança"³. Essa fórmula depende de exercícios onipresentes, dispendiosos e intensivos em mão-de-obra para medir, monitorar e avaliar.³ Enquanto isso, pode-se argumentar que o que tem mudado nas vidas das pessoas mais empobrecidas e vulnerabilizadas continua sendo insuficiente.

O *desenvolvimento alternativo* argumenta que o que está em falta é uma mudança de direção, de abordagens de cima para baixo para abordagens de baixo para cima, além de uma preocupação mais profunda com o humano e os muitos elementos que compõem seu bem-estar, para além de crescimento econômico. O desenvolvimento alternativo tem sido caracterizado, se não por uma autoria do Sul, uma vez que isso é uma questão em debate, pelo menos por um olhar voltado para o Sul, pois as comunidades indígenas são tomadas como exemplo do que é necessário para um desenvolvimento liderado por pessoas, pela autossuficiência e com um profundo questionamento com relação à obsessão pelo crescimento. O desenvolvimento alternativo abriu, portanto, o caminho para a conceituação do desenvolvimento humano, levantando preocupações sobre bem-estar, igualdade de oportunidades e sustentabilidade ambiental⁴. Não obstante, este foi considerado por alguns como muito facilmente absorvido pelo desenvolvimento tradicional: “a distinção entre o estreito paradigma de desenvolvimento alternativo e o desenvolvimento tradicional existe apenas como uma reivindicação retórica, pois a única característica distintiva é a insistência em que o desenvolvimento seja equitativo”⁵.

De fato, as propostas decoloniais e do pós-desenvolvimento frequentemente vêm no desenvolvimento alternativo uma maneira de reinar sobre alternativas *reais* para o desenvolvimento. O pós-desenvolvimento questiona a própria noção de desenvolvimento, igualando *desenvolvimentização* e ocidentalização, questionando a ciência e promovendo soluções radicais como “de-crescimento”⁶ e “*de-link*”⁷. Seu suporte é procurado nas práticas dos movimentos sociais e nas economias solidárias das pequenas comunidades da América Latina. A inspiração também vem das espiritualidades e filosofias africanas, indígenas e latino-americanas, como o ubuntu, o buen vivir, a teologia da libertação e a pedagogia libertadora⁸.

Não obstante, se é verdade que o desenvolvimento alternativo tem sido cooptado pelo desenvolvimento tradicional, o pós-desenvolvimento, por sua vez, tem marginalizado paradoxalmente o domínio das contribuições alternativas do Sul, como o próprio desenvolvimento humano, que muitos atribuem às iniciativas e liderança do Sul. Dessa forma, a noção de que a *desenvolvimentização* e a ocidentalização são sinônimos nos levaria a ignorar alguns dos contra- movimentos avançados por boa parte do Sul Global.⁹

Por meio de um exercício analítico, se aceitarmos o desenvolvimento alternativo, o desenvolvimento humano, o pós-desenvolvimentismo e as abordagens críticas correlatas, *todas estas* como contribuições relevantes do Sul, permanecerá a questão: quais ações são viáveis e

³ Ramalingam, B (2013). *Aid on the Edge of Chaos. Rethinking International Cooperation in a Complex World*(Oxford: Oxford University Press); Peet, R. e Hartwick, E (2009). *Theories of Development. Contentions, Arguments, Alternatives* (New York: The Guilford Press); Rist, G (2008). *The History of Development. From Western Origins to Global Faith* (London: Zed Books); Cowen, M. P. e Shenton, R.W (1996). *Doctrines of Development*. (London: Routledge).

⁴ Pieterse, Jan Nederveen. *Development Theory*. London: SAGE Publications, 2010, p.104.

⁵ Pieterse, Jan Nederveen. *Development Theory*. London: SAGE Publications, 2010.

⁶ Latouche, Serge. *Farewell to Growth*. Cambridge: Polity Press, 2009

⁷ Mignolo, Walter D. *Delinking*. *Cultural Studies*, v. 21, n. 2-3, p. 449-514, 03 Apr. 2007.

⁸ KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; et al (Orgs.). *Pluriverse: A Post-Development Dictionary*. New Delhi: Tulika Books, 2019.

⁹ Pieterse, Jan Nederveen. *Development Theory*. London: SAGE Publications, 2010.

legítimas como alternativas?

Para mencionar apenas a América Latina, o grupo Modernidade/Colonialidade, que foi parte essencial das mais poderosas contestações no campo do desenvolvimento, já não existe há mais de dez anos. *É de se esperar, no entanto, que novas gerações de estudiosas/os tenham agora acumulado nova experiência crítica no campo, tornando importante um balanço que aborde também diretamente os reveses notavelmente conservadores dos tempos atuais.*

Se quisermos passar de um vago desenvolvimento obcecado por resultados para uma resposta eticamente orientada aos problemas do Sul Global, como essas abordagens de alguma forma sugerem, então, seguramente, um universo moral também envolverá ação⁵. Sendo assim, *quais ações alternativas podem ser tomadas por agentes em países do Sul, de modo a fornecer uma base sólida para novas racionalidades sobre o desenvolvimento? E que racionalidades poderiam então promover uma ação responsável e crítica no campo?*

Objetivos

O workshop tem como objetivo abordar essas importantes questões, concentrando-se nos recentes debates que ganham espaço no Sul Global. O objetivo principal é provocar a construção de novas estruturas conceituais que possam explicar as transformações políticas atuais e fomentar diálogos através do compartilhamento de conceitos-chave, propostas e repertórios políticos. Busca-se, assim, distanciar-se da higienização e homogeneização da diversidade de abordagens críticas ao desenvolvimento do Sul, privilegiando, ainda, o pensamento em coletividade e diversidade. Os objetivos do workshop podem ser divididos em três áreas principais:

- a) Teoricamente/conceitualmente - o workshop tem como objetivo reunir novos conceitos e enquadramentos aplicados ao desenvolvimento no Sul, bem como fomentar debates sobre limites práticos, reflexões filosóficas e posições políticas.
- b) Praticamente - reunindo estudiosas/os de diferentes partes do Sul ou com perspectivas originais no Sul, o workshop também visa oferecer uma plataforma para o diálogo em um momento chave na política, de muitos riscos aos direitos sociais e grave crise ecológica. É crucial aproveitar a oportunidade para incentivar diferentes racionalidades no Sul sobre o desenvolvimento que talvez sejam capazes de definir impactos práticos imediatos.
- c) Cooperação – o workshop fornece novos campos férteis para alimentar uma diversidade de redes e iniciativas territorializadas, essenciais à agenda de justiça social e ecológica.

Abordagens críticas para o desenvolvimento podem oferecer ideias importantes sobre o papel da ciência, levantar questões sobre a modernidade e promover uma profunda reflexão sobre os tipos de mudança social que podem servir melhor às populações e aos territórios do Sul. Neste sentido, as muitas epistemologias alternativas no Sul podem ganhar força. O workshop busca oferecer, assim, um espaço para que tais debates ocorram em um momento chave da história política nacional e global.

Agenda Provisória

III Workshop - Novembro de 2025: Abordagens Críticas ao Desenvolvimento

Local: Centro Loyola de Fé e Cultura (PUC-Rio), Estrada da Gávea, 1 – Gávea, Rio de Janeiro, RJ

Programação:

26 de Novembro:

9h-10h: Abertura Palestrantes: Isabel Rocha de Siqueira, Paulo Chamon (UEPB), Ana Carolina Cardoso/Beatriz Teixeira/Vítor Costa/Dani Dias

10h-12h: Mesa Redonda 1: Entre o Desenvolvimento e a Justiça Ecológica: Transição para Onde?

Coordenação: Isabel Rocha de Siqueira

14h-17h: Grupo de Trabalho 1: O Que Se Quer Com Justiça Ecológica?

Trabalhos Submetidos

17h30-18h30: Palestra Final

27 de Novembro:

9h-12h: Mesa Redonda 2: Racialização e Desenvolvimento: Formas, (Re)produção e Além

Coordenação: Marta Fernández

14h-17h: Grupo de Trabalho 2: Racismo, Desenvolvimento e o Sul Global.

Trabalhos Submetidos

17h30-18h30: Palestra Final

28 de Novembro:

9h-12h: Mesa Redonda 3: Futuros (Im)possíveis para o Desenvolvimento: Vendo o Mundo Desde o Território

Coordenação: Maria Elena Rodriguez

14h-17h: Grupo de Trabalho 3: Corpos, Território e Natureza.

Trabalhos Submetidos

17h30-18h30: Palestra Final

29 e 30 de Novembro:

Imersão Ecovila: Onda Solidária